

## **Na mira do chargista: a produção de sentidos em charges que criticam o presidente Lula** Cynthia Boos de Quadros,<sup>1</sup> Armando Pilla<sup>2</sup>

### **RESUMO**

Este artigo tem como objetivo analisar a produção de sentidos em charges, inserindo-se no campo dos estudos da linguagem. Adota-se a perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa, com aporte teórico principalmente de Pêcheux (1990, 1997), Bakhtin (2003) e Orlandi (1997, 2002) e ênfase nas noções de interdiscursividade, dialogismo e polifonia. São analisadas quatro charges produzidas por Cao Hering e publicadas pelo Jornal de Santa Catarina em 2007, todas com enfoque na figura do presidente Lula. O estudo revela o uso de estratégias, como o humor, a ironia, a ambiguidade e o silêncio, que insinuam efeitos de sentido e realçam a imagem de um político com suposto apreço por bebidas alcoólicas e uma conduta que o deprecia e ridiculariza.

### **Palavras-chave**

Charge; Dialogismo; Interdiscursividade; Polifonia; Produção de sentidos.

### **ABSTRACT**

This study has the main objective to analyze the production of meanings in comics drawing, which is part of the language studies field. It was taken the discourse analyzes perspective of the French approach. The study is supported by Pêcheux (1990,1997), Batkin (2003) and Orlandi's (1997,2002) theories. It highlights the notion of interdiscursivity, dialogism and polifony. The analysis was made over five comic drawings produced by Cao Hering published in 2007 by Jornal de Santa Catarina. All the comic drawings are focused in the figure of the Brazilian President Luiz Inácio Lula da Silva. The study reveals the use of strategy such as humor, irony, ambiguity and the silence to imply that the president is a politics that appreciates alcohol and has an attitude that depreciates and ridicularizes his own image.

### **Keywords**

Comics drawing; Dialogism; Interdiscursivity; Polifony; Production of meanings.

### **Introdução**

Componente do universo jornalístico e tecido com fios de um humor irreverente, crítico, aparentemente inofensivo, o discurso da charge desvela o cotidiano da sociedade, valores, experiências, fraquezas, misérias e grandezas marcadamente humanas. Por isso, é potencialmente decisivo no processo de construção e veiculação de ideologias.

A produção de material chargístico se alimenta dos últimos acontecimentos e permite a manifestação de efeitos de sentido que fornecem representações necessárias para ver e dizer o mundo. Nesse percurso, muitas vezes as charges mascaram a intenção ideológica com o estímulo ao riso.

Ao proporcionar uma releitura das notícias, ao mesmo tempo em que sugere, a charge esconde significados, constituindo-se como um discurso polifônico e dialógico que se constrói na relação com o interdiscurso, que significa os saberes pré-construídos, guardados na memória do dizer, sentidos do que é dizível e circula na sociedade.

Compõem o *corpus* desta análise cinco charges produzidas por Cao Hering e publicadas pelo Jornal de Santa Catarina (JSC) no período de maio ao final de novembro de 2007, tendo como alvo o presidente Luís Inácio Lula da Silva. Fatos políticos de grande repercussão na imprensa servem de munição ao chargista, que satiriza hábitos e ações do governante brasileiro.

Um aspecto que merece ser apreciado é que as charges são colocadas invariavelmente na página 3, um espaço nobre do jornal reservado ao material opinativo. Aparecem geralmente como editorial gráfico, portanto, expressam não apenas a visão do chargista, mas também a opinião do jornal.

Com base nos princípios da Análise do Discurso (AD) de linha francesa, este estudo considera a charge como um mosaico de já-ditos, uma trama tecida a partir de inscrições históricas, sociais e ideológicas que reclamam novos significados. Parte-se da ideia de que todo dizer é ideologicamente marcado e que toda interpretação é o vestígio do possível e não uma sentença absoluta e única, mesmo porque sempre é passível de equívoco.

### **1. A charge no discurso jornalístico**

A charge é uma forma de humor gráfico que se popularizou em jornais e periódicos “como material de opinião, revelando toda a sua potencialidade política e ideológica enquanto manifestação de linguagem” (MIANI. 2001: 5).

Neste estudo, considera-se charge como crítica temporal a um personagem, fato ou acontecimento político específico, diferenciando-a da caricatura (representação de um

personagem com uso de traços exagerados) – sem, contudo, excluí-la: a caricatura geralmente é elemento presente na charge – e do cartum (crítica atemporal de costumes) – levando em conta, nesse caso, que a diferença entre cartum e charge reside basicamente no objeto/no tema da crítica.

A palavra caricatura tem origem semântica no verbo italiano *caricare* que significa carregar, no sentido de exagerar, acentuar, e corresponde a ridicularizar, satirizar, criticar. Na língua francesa, é usado o termo *charge*, traduzido por carga, exagero, ataque. O significado que o termo adquiriu no Brasil acabou incorporando o sinônimo francês da caricatura (*charge*), numa ligação íntima com a imprensa, como uma sátira gráfica a um acontecimento político que, com sua capacidade de sedução, tornou-se um instrumento eficaz de persuasão do público leitor (NOGUEIRA. 2003).

Além da imagem do alvo que pretende atingir, o discurso chargístico explicita uma crítica à realidade social e política. Pensada a partir das concepções da AD, ela pode ser tomada como uma prática discursiva situada no cosmo das relações entre o linguístico e o histórico-social (PÊCHEUX. 1990).

A charge ao mesmo tempo projeta e reproduz as principais concepções sociais, pontos de vista e ideologias em circulação. Por meio de sua análise, podem ser percebidas “as estratégias utilizadas pelos vários segmentos envolvidos nos jogos de poder e manipulação de que consciente ou inconscientemente somos atores e alvos” (FLÔRES. 2002:10).

## **2. Dialogismo e polifonia**

O princípio da dialogicidade da linguagem concebe a enunciação como um fazer coletivo e a palavra como “uma espécie de ponte lançada entre o locutor e o interlocutor. Se ela se apóia sobre o locutor numa extremidade, na outra, apóia-se sobre o interlocutor” (BAKHTIN. 2003:113).

De acordo com essa abordagem, os enunciados estariam repletos das palavras dos outros, que seriam absorvidas, elaboradas, reestruturadas. Isso significa postular um diálogo constante entre os discursos de uma sociedade que se estabelece como a interação constitutiva de toda e qualquer produção verbal.

Outro aspecto desse dialogismo é a polifonia, que se refere às vozes oriundas de diversos textos que se instauram no interior de um outro e o definem. Caracteriza-se pela multiplicidade de vozes e consciências independentes e distintas que comportam visões de mundo diferentes e representa o diálogo que se estabelece entre elas (BAKHTIN. 1981).

Importa reconhecer que “em cada palavra há vozes, vozes que podem ser infinitamente longínquas, anônimas, quase despersonalizadas [...] inapreensíveis, e vozes próximas que soam simultaneamente” (BAKHTIN. 2003: 313). Assim, os discursos são tecidos polifonicamente num jogo de vozes cruzadas, complementares, concorrentes e contraditórias.

## **3. Interdiscursividade**

Dialogismo e polifonia se aproximam da noção de interdiscursividade, acionada por um conjunto de já-ditos que sustenta todo dizer. O interdiscurso significa os saberes constituídos na memória do dizer, os sentidos que foram se construindo historicamente.

Nessa perspectiva, as pessoas estão filiadas a um saber discursivo que não se aprende, mas que produz seus efeitos por influência da ideologia e do inconsciente. Nela está embutida a ideia de que “as palavras, expressões, proposições [...] mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam” (PÊCHEUX. 1997: 160).

É a partir da interdiscursividade que se analisam as relações do discurso chargístico que compõem o *corpus* deste estudo, considerando outros que lhes são recorrentes. Isso porque o produtor da charge se remete a discursos anteriores e se antecipa a outros, ou seja, transforma e reestrutura as convenções existentes a fim de originar novo discurso.

Assim, a interdiscursividade pauta o “diálogo” da charge com outros textos/discursos — ela comumente contém informações constantes e editoriais e matérias jornalísticas —, numa relação deflagrada na medida em que o chargista busca elementos nesses outros textos/discursos, ao mesmo tempo em que procura prever o posicionamento do público-leitor.

#### **4. O dito e o não-dito**

A AD considera que o dizer tem relação com o não-dizer, ou seja, com o implícito, que pode ser pressuposto — aquilo que deriva propriamente da instância da linguagem — ou subentendido — aquilo que se dá em contexto (ORLANDI. 2002).

O pressuposto implica ideias não expressas de maneira explícita e que são consequência do sentido de certas palavras ou expressões contidas no discurso. É partilhado com outras vozes e até mesmo com toda a comunidade em que se insere. Já o subentendido pode ser definido como insinuações não marcadas linguisticamente (DUCROT. 1987).

Outra forma de se trabalhar o não-dito na AD é o silêncio, que pode ser fruto do apagamento de uma palavra por outra ou de censura, mas “não é o vazio, o sem-sentido; ao contrário, ele é o indício de uma totalidade significativa” (ORLANDI. 1997: 70). As palavras se acompanham de silêncio e são elas mesmas atravessadas de silêncio. “Entre o dizer e o não-dizer desenrola-se todo um espaço de interpretação no qual o sujeito se move” (ORLANDI. 2002: 83).

#### **5. Humor e ironia**

Um dos traços mais marcantes da charge é a ironia, que tem como função criticar, impressionar e provocar humor. Ela sugere uma intenção depreciativa ou sarcástica do chargista ao produzir um humor intrinsecamente relacionado ao riso de zombaria. “É um riso

que se leva a sério, é um riso que zomba, mas não de si, é um riso, e a expressão é bem reveladora, que goza da cara dos outros” (PROPP. 1992: 42).

As charges submetem os atores políticos ao escárnio e os mostram como seres ridículos e derrisórios. E tornar uma personalidade pública objeto de riso não é ato fortuito, mas ação carregada de implicações políticas. A comicidade está ligada à operação mental de rebaixamento do outro, da pessoa de quem se ri. Ao colocar algum personagem como alvo de derrisão significa apontar nele debilidades ou falhas, ou apresentá-lo em situações ridículas, realçando suas fraquezas (BERGSON. 2001; PROPP. 1992).

Considerando o humor como elemento de subversão, pode-se deduzir que a crítica e o desejo de denunciar, de revolver e analisar as ordens instituídas são marcados, na charge, por um humorismo de caráter subversivo (MIANI. 2002). E é nesse prisma que a ironia pode ser vista como “o último refúgio do oprimido e nenhum tirano, por mais violento que seja, escapa a ela. O tirano pode evitar uma fotografia. Não pode impedir uma caricatura. A mordaza aumenta a mordacidade” (FERNANDES. 2000: 30).

Por esse prisma, a análise de charges mostra que sua leitura requer um duplo movimento, envolvendo a percepção concomitante de duas máscaras, a da seriedade/autoridade e a da ridicularização. Isto reconhecendo que os efeitos de sentido da charge são ocasionados pela simultaneidade dos movimentos opostos, mas justapostos, que possibilitam um riso de zombaria sobre nossa atualidade sócio-política-econômica (NERY. 2002).

## **6. Uma leitura das charges de Cao Hering**

Na construção das charges, Cao explora detalhes que ajudam a identificar as personagens ou remeter à situação em que elas se encontram em determinado momento. Exemplo é o chapéu típico alemão, colocado na cabeça tanto de um ministro alemão quanto na de Lula, no episódio em que o presidente se dirige à reunião do G-8 na Alemanha e também quando ele se prepara para participar do Encontro Empresarial Brasil-Alemanha em Blumenau (SC).

As linhas desenhadas pelo chargista podem até ser consideradas simples, conter certa leveza, mas para captar os sentidos dos quais elas se alimentam para compor uma personagem e dar-

A vida é preciso uma leitura cuidadosa e um razoável conhecimento de mundo e do contexto social, histórico e político na qual elas são produzidas, tanto para identificar as pessoas caricaturadas quanto para situá-las num tempo e num espaço determinados. A pena é leve, mas a carga é pesada.

O chargista monta um jogo semântico no qual a ironia é constituída na união da imagem com a palavra. A ênfase ao ridículo e a ambiguidade, recheada de subentendidos, são estratégias usadas para provocar efeitos de sentido e levar ao riso de zombaria.

Invariavelmente, as falas são escritas de acordo com a pronúncia das personagens, o que ajuda a caracterizá-las. Os enunciados de Lula apontam problemas de dicção e de uso incorreto da língua portuguesa. O chargista troca o “s” e o “z” por “f” para realçar a “língua presa” e dar mais veracidade e humor à caricatura do governante.

Desde antes de se tornar presidente da República, Lula vem sendo alvo de chacota e discriminação por conta do problema de língua presa, uma alteração da fala que persegue muita gente famosa, como o jogador Romário e o piloto Felipe Massa, e é caracterizada principalmente pela pronúncia dos sons de “s” e de “z” com a língua entre os dentes.

Não é por acaso que o governo petista que tomou posse em 2003 foi apelidado de “república da língua presa”. Um dos principais assessores, Antônio Palocci, e dois expressivos parlamentares do PT, o senador José Eduardo Dutra e o deputado federal Vicente Paulo da Silva falam com aquele inconfundível toque da língua entre os dentes.

Também é de conhecimento público que Lula não domina bem as regras formais da língua portuguesa, comete erros de concordância e suprime os esses no final de palavras no plural. Essas referências linguísticas e outros elementos, como a pouca escolaridade do presidente, costumam ser sutilmente – porém não despropositadamente – acrescentados na receita do discurso chargístico em análise.

Comparações com o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso fermentam o preconceito contra Lula. Tornou-se corriqueiro no Brasil discutir a escolaridade de um e de outro, comparar a fala mais ou menos canhestra de Lula com a fala empolada do outro. O próprio

FHC por diversas vezes ironizou em público a situação de Lula, por não ter estudos, e depreciou o jeito errado com que o adversário usa a língua formal (IGLECIAS. 2007).

Importa ponderar que o ato de realçar o uso incorreto do português pode ser interpretado em duplo sentido: uma intenção depreciativa ou sarcástica do chargista que fortalece discriminação contra Lula ou como estratégia para aproximar o personagem de grande parcela de brasileiros, marcando sua identificação com o público mais humilde que o elegeu e que se expressa do mesmo jeito.

Outro ponto explorado por Cao é um suposto apreço de Lula por bebidas alcoólicas. Aproveitando contextos que propiciam a retomada desse aspecto, como circunstâncias que envolvem debates sobre a questão dos biocombustíveis, especificamente o álcool etílico (etanol), o chargista não poupa ironia para sugerir que o presidente cultiva o hábito de beber – motivo de reportagens e declarações polêmicas da imprensa.

Em matéria publicada dia 9 de maio de 2004 pelo jornal norte-americano *The New York Times*, com o título “Hábito de beber de Lula se torna preocupação nacional”, o jornalista Larry Rohter escreveu: “Se Lula tem realmente ou não um problema com bebidas, a questão penetrou na consciência popular e se tornou motivo de piada” (ROHTER. 2004). E a imprensa brasileira usou carga pesada, de um lado, para atacar Lula, dando munição a Rohter com comentários maliciosos e, de outro, para manifestar repúdio aos ataques sofridos pelo presidente (WEIS. 2004; SODRÉ. 2004).

Na edição de 19 de maio daquele ano, a *Revista IstoÉ* publicou entrevista com Lula e estampou na capa a declaração do presidente: “O Brasil não é governado por um alcoólatra” (ISTOÉ. 2004). Mas as muitas crônicas, artigos e matérias jornalísticas em sua defesa não conseguiram enfraquecer a imagem do governante associada a excessos alcoólicos que se cristalizou na memória de muitos brasileiros e tem servido tanto de munição aos adversários políticos que procuram desqualificar o presidente quanto de mote aos chargistas de plantão.

Cabe observar que, para elaborar suas charges, Cao costuma buscar elementos em textos publicados pelo JSC e por outros veículos de comunicação social, num processo que envolve dialogismo, polifonia e interdiscursividade. Pode-se dizer que as charges não expressam

apenas as ideias do chargista, porque nelas estão contidas outras vozes portadoras de memória, de pré-construídos que se insinuam para produzir sentidos.

A interpretação feita até aqui é resultado de uma leitura genérica de cinco charges que integram o *corpus* deste estudo e que são a partir de agora apresentadas separadamente, numa nova leitura que busca revelar e compreender as particularidades de cada charge, seguindo a perspectiva da AD, que comporta a ideia de que a palavra vai se revestindo de sentidos em situação de uso e que o discurso é efeito de sentidos entre interlocutores (PÊCHEUX. 1997).

## 7. Cinco charges, múltiplos sentidos

A charge publicada em 23 de maio de 2007 (figura 1) mostra Lula falando com um assessor que diz: “Presidente, o decreto que define o que é bebida alcoólica, é pro senhor assinar...”. Lula retruca: “Tu qué i pa rua?!”. Novamente o assessor: “Não, senhor. Por quê?”. E Lula: “Traís as bebida aqui! Eu vou defini!!”.

**Figura 1** - Charge publicada pelo JSC em 23 de maio de 2007



No dia anterior, a imprensa já havia sido avisada de que o governo federal lançaria, na manhã seguinte, a política nacional sobre álcool, um conjunto de medidas para prevenir o consumo excessivo de bebidas alcoólicas e ampliar o acesso a tratamento para pessoas dependentes. (AGÊNCIA BRASIL. 2007a).

Inferese que Cao Hering destacou na sua charge as informações que resumiam as matérias jornalísticas que leu na véspera da publicação. Depois de colocar em contexto o tema e o seu protagonista, o chargista aproveitou para associar o presidente à prática etílica.

A fala “Tu qué i pra rua?” revela a surpresa de Lula diante da informação do assessor, como se este estivesse abordando um assunto delicado que poderia gerar transtornos ao presidente, a exemplo do que aconteceu em 2004 com a reportagem de Rohter. Há que se lembrar que, na época, o governo brasileiro cancelou o visto de permanência do correspondente do *New York Times* no Brasil. Ao relacionar os dois momentos, Cao insinua que o assessor de Lula, pela suposta retomada de uma crítica ao hábito de beber do presidente, corria o risco de ser demitido, ou seja, ter cancelado o vínculo institucional com a Presidência da República.

A ordem: “Traís as bebida aqui! Eu vou defini!!” expressa a imagem de um presidente pouco sintonizado com o que acontece ao seu redor. A charge mostra Lula atordoado, talvez pela ressaca provocada por tantas e tão duras críticas ao seu governo.

Na edição de 6 de junho de 2007, o JSC publicou charge (figura 2) mostrando Lula vestido com típico chapeuzinho alemão. Ao lado de uma placa com seta que indica o caminho para o G-8, Lula fala ao telefone: “Ô, Vavá, eu já ti falei mil vezes pra não usa cheque. Tu dá tanta bandera que até a operação levô o nome de cheque!” Do outro lado, o interlocutor contesta: “O Dirceu tá me dizendo aqui que xeque-mate é com x...”

**Figura 2** - Charge publicada pelo JSC em 6 de junho de 2007



Para entender essas falas, é preciso ter conhecimento sobre dois fatos noticiados pela imprensa na data de publicação da charge e também nos dias anteriores. Nesse período, os jornais brasileiros destacaram a visita oficial de Lula à Índia e sua participação no Encontro

do G-8, que aconteceu na Alemanha de 6 a 8 de junho, ocasiões em que ele defendeu o uso do etanol como biocombustível (WASSERMANN. 2007; ALENCAR. 2007).

Ao mesmo tempo, ocuparam espaços nobres em seus noticiários com o indiciamento de Genival Inácio da Silva, o Vavá, irmão mais velho do presidente, por tráfico de influência no Executivo e exploração de prestígio no Judiciário. As matérias veiculadas colocavam em evidência que a Polícia Federal revistou a casa de Vavá como parte da Operação Xequete-Mate, que desarticulou uma suposta máfia de caça-níqueis envolvida num esquema de contrabando, corrupção policial e tráfico de drogas (FOLHA ONLINE. 2007a; AGÊNCIA BRASIL. 2007b).

Na manhã de 5 de junho, Lula estava em Nova Déli, no último dia de uma visita oficial à Índia. Ele afirmou que ainda não havia recebido informações sobre o caso e declarou à imprensa que não acreditava no envolvimento de Vavá com atividades criminosas. (AGÊNCIA BRASIL. 2007c). O presidente disse que não falou com seu irmão, mas que foi informado da operação pelo ministro Tarso Genro. Matérias da imprensa afirmaram que Lula soube na véspera sobre a ação na casa de Vavá (FOLHA ONLINE. 2007b, 2007c).

A partir dessas informações, pode-se identificar o nome que aparece na fala do presidente como Vavá (irmão de Lula) e entender a alusão feita à Operação Xequete Mate. Subentende-se que Dirceu, a quem o interlocutor de Lula se refere na charge, é o ex-ministro da Casa Civil, companheiro de partido e amigo pessoal José Dirceu, indiciado no inquérito do “mensalão”. A referência a ele na charge pode ser entendida como uma intenção velada do autor de associar Lula a políticos acusados de corrupção. Essa estratégia do chargista demonstra a relação que o dizer tem com o não-dizer, ou seja, com o implícito.

A fala da conversa com o irmão – “eu já ti falei mil vezes” – soa como um alerta dado por Lula anteriormente, e muitas vezes, o que leva a supor que o presidente sabia do envolvimento de Vavá em alguma atividade escusa. “Tu dá tanta bandera” é outro trecho significativo. Dar bandeira é uma expressão coloquial que significa deixar perceber. Ora, criticar alguém por “dar bandeira” é quase uma confissão de que se sabe ou já observou práticas que não deveriam ser percebidas, muito menos reveladas.

O fato repercutiu nos dias seguintes. Em 7 de junho, um blogueiro comentava a notícia que lera num jornal paulista com a seguinte manchete: “Lula sabia da batida na casa de Vavá”. Segundo ele, “a manchete, de duplo sentido, faz rir. Lula deveria saber das 2 batidas na casa do Vavá: a policial e a feita com cachaça. Desta última, ele não só sabia como já teve ter provado muito. Depois ele diz que não sabe de nada, mas da cachaça ele sabe!” (FERREIRA. 2007).

A charge de 8 de novembro de 2007 (figura 3) reúne duas caricaturas: uma de Lula e outra da primeira-dama, dona Marisa. Lula aparece vestido de terno, com um chapéu típico alemão e uma caneca de chope pendurada ao corpo. A mulher fala: “Benhê, não te entusiasma. O Dirceu ligou dizendo que é encontro Brasil-Alemanha e não Oktoberfest...”

**Figura 3** - Charge publicada pelo JSC em 08 de novembro de 2007



Os acessórios na roupa de Lula (o chapeuzinho alemão e o caneco) remetem à Oktoberfest, segunda maior festa alemã do mundo. Desenvolvida desde 1984, no mês de outubro (como o nome revela), faz parte do calendário cultural e turístico de Santa Catarina e já se consolidou como um dos mais importantes produtos turísticos nacionais. A festa, na qual se pode saborear bons chopes, é realizada no Parque Vila Germânica de Blumenau – centro de eventos onde foi desenvolvido o Encontro Brasil-Alemanha (GLOBO ONLINE. 2007).

O uso dos dois objetos representativos mais populares da Oktoberfest demonstra a preparação de Lula para uma visita a Blumenau, cidade conhecida como “Alemanha brasileira” por causa das influências da colonização germânica na cultura, na culinária e na arquitetura.

Ao falar “O Dirceu ligou dizendo que é encontro Brasil-Alemanha e não Oktoberfest...”, dona Marisa – identificada pelo estilo de vestir e pelo tom de familiaridade ao falar com Lula – comunica ao presidente que o evento para o qual ele foi convidado é um encontro com empresários e políticos brasileiros e alemães, não um festival da cerveja. “Benhê, não te entusiasma”, diz ela, dando a entender que Lula deveria conter seu arrebatamento com a festa do chope. Os traços nos rostos do casal, principalmente as linhas das bocas e olhos, conotam repreensão em Marisa e decepção em Lula.

Nas entrelinhas, Cao Hering constrói uma anedota com insinuações de bebericagem do personagem principal de sua charge, como incentivo ao resgate de um discurso do passado: a reportagem do jornalista Larry Rohter, que criou um lamentável imbróglio com o governo brasileiro ao apresentar o presidente como alcoólatra em 2004.

Interessa lembrar que o correspondente do New York Times “tentou corroborar o conteúdo do texto com uma imagem protocolar (o presidente Lula na Oktoberfest de Santa Catarina, com uma caneca de cerveja na mão), deslocada de seu contexto celebratório [numa] flagrante desonestidade da foto” (SODRÉ. 2004).

Dona Marisa cita Dirceu em sua fala e aqui se pode inferir que ela se refere ao ex-ministro da Casa Civil, José Dirceu. Repetindo um recurso já observado na charge publicada em 6 de junho de 2007, que enfoca a participação de Lula na reunião do G-8 na Alemanha, o chargista sugere uma associação de Lula a políticos acusados de corrupção – Zé Dirceu teve o mandato de deputado cassado e foi indiciado no inquérito do mensalão.

Nesta charge fica bem representada a aproximação do discurso chargístico aos conceitos de interdiscurso e de pré-construído: sentidos pré-existentes que estão na sustentação do atual sentido sobre o qual o texto é produzido, um conjunto de já-ditos da política e da imprensa que sustenta o dizer de Cao Hering.

A charge publicada na edição de 17 e 18 de novembro de 2007 (figura 4) mostra a comitiva presidencial motorizada a caminho do local onde acontecia o Encontro Brasil-Alemanha. A escolta é formada por dois homens de motocicleta, que seguem à frente do carro oficial que transporta Lula e de um comboio de automóveis que vem logo em seguida. Há uma bifurcação na estrada com duas placas de sinalização (setas): uma, à esquerda (direção dos

veículos na charge), traz escrito em letras maiúsculas a indicação “Encontro Brasil-Alemanha”; outra, à direita, indica o *Biergarten*. Os motociclistas tomam o rumo da esquerda e o automóvel do presidente desvia para a direita.

**Figura 4** - Charge publicada pelo JSC em 17/18 de novembro de 2007



A interpretação desta charge começa com um esclarecimento acerca da palavra *Biergarten*: expressão alemã que significa jardim da cerveja e se refere a uma cervejaria a céu aberto montada no centro de Blumenau. Mas não foi nesse local que aconteceu o Encontro Brasil-Alemanha, desenvolvido de 18 a 20 de novembro. O evento foi realizado no Parque Vila Germânica, que abriga a Oktoberfest (GLOBO ONLINE. 2007).

O presidente Lula participou da abertura em 19 de novembro. Falou sobre oportunidades de negócios no Brasil e sobre as ações e obras do governo previstas no Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). Ao lado do ministro da Economia e Tecnologia da Alemanha, Michael Glos, acompanhou painel de debates sobre cooperação tecnológica e inovação, tema principal do encontro (JORNAL DO BRASIL. 2007).

A charge de Cao Hering sugere que, apesar da grande importância econômica e política atribuída ao Encontro Brasil-Alemanha, o presidente brasileiro estava mais interessado nos atrativos do *Biergarten*, ou seja, na bebida servida pela minicervejaria. No desenho, os traços indicativos de movimento atrás do carro presidencial insinuam uma virada rápida para a direita, num desvio proposital da rota do evento, a fim de tomar o rumo do *Biergarten*.

Num olhar atento à caricatura dentro do automóvel, observam-se sinais (um sorriso alegre) de certa animação no rosto de Lula, diferentemente do que se verificou na charge do dia 8 de

novembro, quando o personagem aparenta estar insatisfeito, ou melhor, decepcionado. Mais uma vez, o chargista ironiza a imagem de Lula como consumidor de bebidas alcoólicas.

A charge do dia 20 de novembro (figura 5), dia de encerramento do Encontro Brasil-Alemanha, mostra Lula em contato com o ministro Michael Glos. Vestido de terno e com um chapéu típico que o caracteriza como alemão, o personagem aparece apontando um barril de petróleo e dizendo: “Nain! Nón themos interrése no alcohol do Brasil... O senhor que gosta tanto dele, devia saber que o petroleum é muito mais envelhecido...”

**Figura 5** - Charge publicada pelo JSC em 20 de novembro de 2007



Numa leitura dos textos jornalísticos publicados na época, observa-se que o uso de biocombustíveis entrou na pauta de discussões do encontro. A imprensa noticiava o empenho dos dois países em estabelecer processos de cooperação na produção e utilização de álcool etílico (etanol), uma forma de reduzir a dependência do petróleo, recurso esgotável e, portanto, escasso, o que faz os preços subirem quando a demanda aumenta (JORNAL DO BRASIL. 2007).

Alguns jornalistas comentavam que as grandes companhias alemãs do setor tinham reservas sobre a ampliação do mercado de etanol e pareciam temer uma troca de dependência energética, numa espécie de migração do Oriente Médio, produtor de combustível fóssil, para o Brasil, produtor de biomassa (COLLET. 2006).

Tais argumentos foram resumidos pelo chargista Cao Hering na fala de Glos: “Nain! Nón themos interrése no alcohol do Brasil...” (Não! Não temos interesse no álcool do Brasil...),

apesar de nenhuma declaração do ministro ter sido tão incisiva durante o encontro. Diante de um presidente aparentemente atordoado com o discurso de seu interlocutor, o representante do governo alemão ironiza: “O senhor que gosta tanto dele, devia saber que o petróleo é muito mais envelhecido...”.

Na charge, Lula ouve o ministro Glos, num silêncio acompanhado por uma expressão facial que denuncia ao mesmo tempo surpresa e desagrado. Eis aí outra forma de se trabalhar o não-dito: o silêncio, colocado não como falta, mas como iminência de sentido, um lugar de recuo necessário para que o sentido faça sentido (ORLANDI. 2002: 83).

A caricatura de Lula é ainda marcada por um sinal gráfico (acima da cabeça) que conota certo estranhamento. Era o detalhe artístico que faltava para compor um quadro que ajuda a cristalizar a imagem de um presidente meio atônito, quase de ressaca, silencioso. Entenda-se que esse silêncio não denuncia algo sem-sentido, mas, ao contrário, ele é o indício de uma totalidade significativa.

O chargista explora a possibilidade de interpretação em duplo sentido da frase “O senhor que gosta tanto dele [do álcool], devia saber que o petróleo é muito mais envelhecido...”. Pode-se entender que Michael Glos se refere ao fato de Lula ser um grande incentivador do uso de biocombustíveis, uma experiência bastante nova quando comparada à exploração de reservas de petróleo, que é um dos mais antigos e tradicionais combustíveis do mundo. Por resultar da decomposição de material fóssil, o petróleo leva séculos para ser produzido, portanto, é “muito mais envelhecido” que o etanol, cuja produção acontece em poucos dias, desde a colheita da cana-de-açúcar até a industrialização.

Numa perspectiva comercial, o comentário do ministro alemão comporta a ideia de que os acordos de fornecimento de óleo com o Oriente Médio, mesmo impondo dependência aos países importadores, são bem mais antigos que contratos que venham porventura a ser firmados com o Brasil para exportação do álcool combustível. Apesar das vantagens do etanol apregoadas pelo governo brasileiro, por que trocar o certo pelo duvidoso?

Analisado na perspectiva das representações (pré-construídos) de Lula feitas pela imprensa, o comentário de Glos pode assumir um sentido completamente diferente: o presidente brasileiro gosta de álcool, notadamente o etílico (etanol), ingrediente principal dos biocombustíveis e de

bebidas destiladas. O termo “envelhecido” leva à noção de “envelhecimento” como parte do processo de produção de bebidas alcoólicas, como o whisky e a cachaça, geralmente envelhecidas em tonéis de madeira.

Há que se considerar que tanto esta charge como as duas anteriormente analisadas, que apresentam o mesmo tema, foram publicadas no período de realização do Encontro Brasil-Alemanha em Blumenau, município que é também endereço na matriz do Jornal de Santa Catarina e para o qual é destinada grande parte dos exemplares que circulam diariamente pelo Estado. Seria ingenuidade pensar que a direção do jornal, os editores e o chargista não previram essa situação, para não dizer que eles sabiam que o material provocaria certo impacto entre o público-leitor. Haveria então o propósito de reforçar a imagem de um presidente mais interessado em beber do que em negociar o álcool etílico produzido no Brasil.

### **Considerações finais**

Constata-se que, ao produzir os discursos chargísticos publicados no JSC, Cao Hering buscou elementos em outros textos, num processo que envolve dialogismo, polifonia e interdiscursividade. A ironia serve de pretexto e pano de fundo para realçar a imagem de um político atordoado diante de circunstâncias constrangedoras, um personagem embriagado por uma suposta conduta que o condena e o ridiculariza.

A partir do entendimento de que os discursos nunca são neutros, constata-se que o Jornal de Santa Catarina divulgou, por meio das charges de Cao Hering, mais que uma inocente caricatura de Lula, não somente uma despreziosa e bem-humorada representação do presidente brasileiro em situações embaraçosas.

Enfatiza-se que a neutralidade do discurso é uma ilusão, uma vez que ele envolve o histórico e o ideológico e que, “numa realidade social e histórica como a nossa, em que se é obrigado a reconhecer que sempre se ocupam determinadas posições (e não outras) no conflito constitutivo das relações sociais, não se pode fazê-lo neutramente” (ORLANDI. 1987:13).

O discurso chargístico situa-se, portanto, num campo onde brotam instigantes questões para pesquisa e onde se instaura uma diversidade de material simbólico que estimula análises discursivas. Toda leitura é uma interpretação diferente das já feitas e de tantas outras que podem vir a ser desenvolvidas com o objetivo de compreender o funcionamento da linguagem.

Afinal, tudo já foi dito ou escrito, mas toda esta memória do dizer ou recortes dela se inscrevem num cosmo de múltiplas possibilidades de interpretação, de sentidos pré-construídos em constante diálogo e imbricação, um mutável e agitado universo prene de significados.

## Referências

- AGÊNCIA BRASIL. *Lula diz na Índia que não acredita no envolvimento do irmão com jogos de azar* (06 maio 2007c). Disponível em: [www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2007/06/05](http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2007/06/05)  
Acesso em: 8 jul. 2008.
- *Operação Xequê-Mate prende 77 acusados de tráfico de drogas e jogos ilegais*. (4 junho 2007b). Disponível em: [www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2007/06/04](http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2007/06/04)  
Acesso em: 24 mar. 2008.
- *Publicada política de enfrentamento ao consumo prejudicial de bebidas alcoólicas*. (23 maio 2007a). Disponível em:  
[www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2007/05/23](http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2007/05/23) . Acesso em: 23 mar. 2008.
- ALENCAR, Kennedy. *Participação no G8 é aposta de Lula*. (06 jun. 2007). Disponível em:  
[www.folha.uol.com.br/folha/columas/brasiliao/ult2307u302307.shtml](http://www.folha.uol.com.br/folha/columas/brasiliao/ult2307u302307.shtml) Acesso em: 23 jun. 2009.
- BAKHTIN, M (1981). *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- (2003). *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- BERGSON, H. (2001). *O riso: ensaio sobre a significação do cômico*. São Paulo: Martins Fontes.
- COLLET, L. “Alemão desconfia do álcool brasileiro”. *Gazeta Mercantil*. São Paulo, n. 96179, Caderno Finanças & Mercado, 17 jul. 2006, p. 12.
- DUCROT, O. (1987). *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes.
- FERNANDES, M. (2000). *O livro vermelho dos pensamentos de Millôr*. São Paulo: Senac.

FERREIRA, R. Luis Bueloni. *Lula sabia da batida na casa de Vavá*. (07 jun. 2007). Disponível em: [visaoaolongo.blogspot.com](http://visaoaolongo.blogspot.com) Acesso em: 10 jul. 2009.

FLÔRES, O. (2002). *A leitura da charge*. Canoas: Ulbra.

FOLHA ONLINE. *Justiça e PF se contradizem sobre aviso da operação a Lula* (6 jun. 2007a). Disponível em: [www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u302624.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u302624.shtml) Acesso em: 22 jun. 2009.

----- *Lula soube na véspera sobre ação na casa do irmão* (5 jun. 2007b).

Disponível em: [www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u302215.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u302215.shtml) Acesso em: 16 jun. 2009.

----- *Oposição cobra apuração e base defende Vavá: Lula crê em inocência do irmão*. (5 jun. 2007c). Disponível em:

[www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u302174.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u302174.shtml). 15 fev. 2008.

GLOBO ONLINE. *Blumenau sedia encontro Brasil-Alemanha a partir de segunda* (16 nov. 2007). Disponível em: [oglobo.globo.com/economia/mat/2007/11/16/327192231.asp](http://oglobo.globo.com/economia/mat/2007/11/16/327192231.asp). Acesso em: 16 jun. 2009.

HERING, C. *Jornal de Santa Catarina*, Blumenau-SC, edições de 2007: 23 maio/ 06 jun./08 nov./17 e 18 nov./20 nov., p. 3.

IGLECIAS, Wagner. *FHC, Lula e o português*. (24. nov. 2007). Disponível em:

[blogentrelinhas.blogspot.com/2007/11/-fhc-lula-e-o-portugus.html](http://blogentrelinhas.blogspot.com/2007/11/-fhc-lula-e-o-portugus.html) Acesso em: 8 jul. 2009.

ISTOÉ. *Lula desabafa: "O Brasil não é governado por um alcoólatra"*. São Paulo: Editora Três, ed. 1806, 19 maio 2004, capa.

JORNAL DO BRASIL. *Encontro intensifica relação Brasil-Alemanha*. (20 nov. 2007).

Disponível em: [jbonline.terra.com.br/extra/2007/11/20/e20111929.html](http://jbonline.terra.com.br/extra/2007/11/20/e20111929.html) Acesso em: 18 maio 2009.

MIANI, R. *Iconografia e as transformações no mundo do trabalho*. In: SEMINÁRIO DO TRABALHO, 2., Marília/SP, 2002. *Resumos...* Marília/SP, 2002.

----- *Charge: uma prática discursiva e ideológica*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DA COMUNICAÇÃO – INTERCOM, 24., 2001, Campo Grande/MS. *Anais...*, Campo Grande/MS, set. 2001.

NERY, L. *Charge: cartilha do mundo imediato*. *Semear* (PUCRJ), Rio de Janeiro, v. 7, p. 127-144, 2002.

NOGUEIRA, A. *A charge: função social e paradigma cultural*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – INTERCOM, 26., 2003, Belo Horizonte/MG. *Anais...* Belo Horizonte/MG, set. 2003.

ORLANDI, E. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 2. ed. rev. e aum. Campinas, SP: Pontes, 1987.

----- *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

----- (2002). *Língua e conhecimento lingüístico: para uma história das ideias no Brasil*. São Paulo: Cortês.

PÊCHEUX, M. (1990). *O discurso: estrutura ou acontecimento?* Campinas, SP: Pontes.

----- (1997). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp.

PROPP, V. (1992). *Comicidade e riso*. São Paulo: Ática.

ROHTER, L. Hábito de beber de Lula se torna preocupação nacional. *New York Times*. (09 maio 2004). Disponível em: [www.culturabrasil.org/rohternytulabebe.htm](http://www.culturabrasil.org/rohternytulabebe.htm) Acesso em: 20 maio 2009.

SODRÉ, M. Lula e NY Times. Faltou um “despacho saneador. *Observatório da Imprensa*. (18 maio 2004). Disponível em: [www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos) Acesso em: 28 jun. 2009.

WASSERMANN, R. *Encontro do G8: Lula leva etanol e Doha para agenda dos países ricos*. BBC Brasil. 07 junho 2007. Disponível em: [www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2007/06/070607\\_g8\\_lula\\_cg.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2007/06/070607_g8_lula_cg.shtml) . Acesso em 28 jun. 2009.

WEISS, L. Os tragos de Lula e os medos da mídia. *Observatório da Imprensa*. (11 maio 2004). Disponível em: [www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos) Acesso: 20 jun. 2009.

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciências da Linguagem (Unisul). Professora de pesquisa de mercado e coordenadora do Instituto de Pesquisas Sociais da Universidade Regional de Blumenau (Furb). [cynthia@furb.br](mailto:cynthia@furb.br)

<sup>2</sup> Mestre em Ciências da Linguagem (Unisul). Professor de redação publicitária da Universidade Regional de Blumenau (Furb). [apilla@hotmail.com](mailto:apilla@hotmail.com)